

DOSSIER

DESCOLONIZACIÓN DEL LENGUAJE, PRÁCTICAS CULTURALES E INSTITUCIONES DE LA MEMORIA

DESCOLONIZAÇÃO DA LINGUAGEM, PRÁTICAS CULTURAIS E INSTITUIÇÕES DA MEMÓRIA

Organizadores

Dra. Natalia Duque Cardona
Universidad de Antioquia, Colombia
natalia.duque@udea.edu.co

Dr. Aldo Ocampo González
CELEI, Chile
aldo.ocampo@celei.cl

Dr. Juan Pablo Bermúdez González
Pontificia Universidad Javeriana, Colombia
juanbermudez@javeriana.edu.co

El dossier sobre *descolonización del lenguaje, prácticas culturales e instituciones de la memoria* hace parte del programa de Descolonización lingüística que desde el CELEI (<https://celei.cl/>) se proyecta como un espacio de integración interdisciplinar que promueva el trabajo articulado alrededor del lenguaje en una perspectiva intercultural, interseccional, anticolonial y latinoamericana a través de su comprensión como una tecnología de poder que incide en la vida social, en los sujetos y comunidades a favor o en contra de la justicia social. En tanto esta publicación tiene como propósito generar un espacio de discusión de los estudios del lenguaje cuya perspectiva de reflexión sea el pensamiento decolonial como línea directriz.

Los lenguajes, más que ninguna otra facultad, son recinto de la diversidad de los seres habitantes del planeta. Las ontologías culturales son vehiculadas en ellos. La colonialidad del ser y su corolario, la colonialidad del lenguaje, radican en las fronteras erigidas por el monolingüismo de la mismidad. Pensar los asuntos que aquejan a nuestras poblaciones en clave decolonial, haciendo de los lenguajes el elemento transversal de análisis resulta ser el propósito de una investigación cuyas inquietudes pasan por posicionar en la academia las experiencias de negación y resistencia de grupos subalterizados por los discursos hegemónicos de la Modernidad eurocentrada.

A título ilustrativo del estado descrito, podemos mencionar cómo para el lenguaje de la ciencia moderna (tribunal último de validación de sentido en el proyecto moderno), formas de vida no comprometidas con la autorrealización personal sino con una forma de vida comunitaria donde honrar la tradición y los antepasados, cohabitar con la naturaleza sin pretender dominarla, pensar en el futuro como un horizonte de la colectividad y no como un horizonte individual, aceptar la muerte como una transición y no como un fin, por poner algunos ejemplos, son ninguneadas desde el lenguaje sofisticado de la ciencia moderna, para la cual dichas formas de vida no son más que sin-sentidos que, en el mejor de los casos reciben condescendencia, siempre y cuando, claro está, no interfieran con los alientos dominantes, con los valores y las prácticas occidentales. Ahora bien, las teorizaciones surgidas desde las fronteras de exclusión creadas por el proyecto moderno se afirman sobre la base de que estas formas de vida otras no son sin-sentidos sino, por el contrario, creaciones colectivas dignas e imprescindibles para un proyecto más amplio y éticamente comprometido: el de la coexistencia en la heterogeneidad. Para estas teorizaciones corresponde preguntarse dónde radica la capacidad de la “ideología” moderna para hacer plausible (o imponer) su poder de deslegitimación, lo que a su vez implica preguntarse por el tipo de reflexividad (o más bien su alcance) que el proyecto del Antropoceno ha logrado imponer al interior del lenguaje, de modo tal que la clasificación y jerarquización de formas de vida y lenguajes que las vehiculan haya llegado a imponerse por la vía de la atribución del sin-sentido hacia aquéllas que aún resisten.

Teniendo por trasfondo lo anteriormente planteado, la propuesta que motiva la creación de dossier transdisciplinar pretende el desplazamiento de la atención académica, de la atención epistemológica de los estudios del lenguaje y, si se nos permite, de los lenguajes, hacia esos acontecimientos en cuyo seno aún opera la colonialidad, es decir, en esa matriz colonial de poder que “[...] Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal” (Quijano, A., 2000, p. 342). La intención no es solo abordar el tema en su dimensión lingüística, sino, al operar el mencionado desplazamiento de la atención, hacia y más allá de las fronteras erigidas por la disciplinariedad epistemológica, aproximadas para develar la generación de sentido en términos de poder, saber y ser, ampliando, entonces, las condiciones de posibilidad de la existencia y generación de sentido.

Algunas temáticas que pueden abordarse en este son:

- I. Lenguas, un acercamiento a la diversidad lingüística de las américas;
- II. Textualidades, formas de registro de información en las américas;
- III. Revalorización y revitalización de lenguas; e
- IV. Discursos, generación de sentido del lenguaje más allá de la colonialidad.

DOSSIÊ

DESCOLONIZAÇÃO DA LINGUAGEM, PRÁTICAS CULTURAIS E INSTITUIÇÕES DA MEMÓRIA

Organizadores

Dra. Natalia Duque Cardona
Universidad de Antioquia, Colombia
natalia.duque@udea.edu.co

Dr. Aldo Ocampo González
CELEI, Chile
aldo.ocampo@celei.cl

Dr. Juan Pablo Bermúdez González
Pontificia Universidad Javeriana, Colombia
juanbermudez@javeriana.edu.co

O presente dossiê sobre *descolonização da linguagem, práticas culturais e instituições da memória* faz parte do programa de descolonização linguística que, a partir do CELEI (<https://celei.cl/>), define-se como um espaço de integração interdisciplinar que promove um trabalho articulado em torno da linguagem. Isso se dá mediante uma perspectiva intercultural, interseccional, anticolonial e latino-americana através de sua compreensão como um dispositivo de poder que incide na vida social, nos sujeitos e comunidades a favor ou contra a justiça social. Nesse sentido, este dossiê tem como propósito gerar um espaço de discussão dos estudos da linguagem cuja perspectiva de reflexão tem como fio condutor o pensamento decolonial ou a decolonialidade.

As linguagens, mais que qualquer outra faculdade cognitiva e dispositivo de expressão, são o recinto da diversidade dos seres habitantes do planeta. As ontologias culturais são veiculadas por meio delas que a materializam em distintos discursos. A colonialidade do ser e seu corolário, a colonialidade da linguagem, radicam nas fronteiras arguidas pelo monolinguismo da mesmice. Pensar as questões que afligem nossas populações em uma chave decolonial, fazendo das línguas e linguagens o elemento transversal da análise acaba sendo o propósito de uma investigação cujas inquietudes passam por uma posição na academia desde as experiências de negação e resistência de grupos subalternizados pelos discursos hegemônicos de la modernidade eurocêntrica.

Como ilustração do estado acima descrito, podemos citar como para a linguagem da ciência moderna (último tribunal de validação de sentido no projeto moderno), modos de vida não comprometidos com a autorrealização pessoal, mas com um modo de vida comunitário onde a tradição e os ancestrais são honrados, convivendo com a natureza sem pretender dominá-la, pensando o futuro como um horizonte coletivo e não como um horizonte individual,

aceitando a morte como uma transição e não como um fim, para citar alguns, são dispensados da sofisticada linguagem da ciência moderna, para a qual essas formas de vida nada mais são do que disparates que, no melhor dos casos, são condescendentes, desde que, é claro, não interfiram nos espíritos dominantes, nos valores e práticas ocidentais.

Ora, as teorizações advindas das fronteiras de exclusão criadas pelo projeto moderno afirmam-se com base em que essas outras formas de vida não são sem sentido, mas, ao contrário, criações coletivas dignas e essenciais para um projeto mais amplo e eticamente comprometido: o da coexistência na heterogeneidade. Para essas teorizações, cabe perguntar onde está a capacidade da “ideologia” moderna de tornar plausível (ou impor) seu poder de deslegitimação, o que, por sua vez, implica perguntar sobre o tipo de reflexividade (ou melhor, seu alcance) que o projeto do Antropoceno conseguiu se impor na linguagem, de tal forma que a classificação e a hierarquia das formas de vida e das línguas e das linguagens que as veiculam passaram a ser impostas atribuindo absurdos àqueles que ainda resistem.

Diante do exposto, a proposta que motiva a criação de um dossiê transdisciplinar objetiva deslocar a atenção acadêmica, a atenção epistemológica dos estudos da linguagem e, se nos for permitido, das linguagens, para aqueles eventos em que a colonialidade ainda atua, ou seja, naquela matriz colonial de poder que “[...] se baseia na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular desse padrão de poder e opera em cada um dos planos, áreas e dimensões, material e subjetivo, da existência social cotidiana e em escala societária” (QUIJANO, 2000, p. 342). A intenção não é apenas abordar a questão em sua dimensão linguística, mas também, operando o já mencionado deslocamento de atenção, para e além das fronteiras erguidas pela disciplinaridade epistemológica, aproximadas, para revelar a geração de sentido em termos de poder, saber e ser, ampliando, então, as condições de possibilidade da existência e geração de sentido.

Algumas temáticas que podem ser abordadas neste dossiê são as seguintes:

- I. Línguas, uma abordagem da diversidade linguística das Américas;
- II. Textualidades, formas de registro de informações nas Américas;
- III. Reavaliação e revitalização das línguas nas Américas; e
- IV. Discursos, geração de sentido da linguagem para além da colonialidade.

Bibliografía

Castro-Gómez, S. y Guardiola-Rivera, Ó., El Plan Colombia, o de cómo una historia local se convierte en diseño global, Artículo aparecido en Nueva Sociedad 175, septiembre-octubre 2001, pp. 111-120.

Fanon, F. (2009). *Piel negra, máscaras blancas* (Vol. 55). Ediciones Akal.

Glissant, É., (1997) *Le discours antillais* (1981), Paris: Gallimard.

Mignolo, W., (1995) *Decires fuera de lugar: Sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción*, Revista de Crítica Literaria Latinoamericana, Año 21, No. 41 (1995), pp. 9-31 Publicado por: Centro de Estudios Literarios "Antonio Cornejo Polar"- CELACP. Disponible en Internet en: <http://www.jstor.org/stable/4530794>.

- Mignolo, W. (2003a) *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*, Madrid, Akal Ediciones S.A.,.
- Mignolo, W. (2003b). Os esplendores e as misérias da 'ciência': Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. ,En Santos, B. (Ed.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: Um discurso sobre as ciências*' revistado. (pp. 631-671). Lisboa: Edições Afrontamento.
- Quijano, A., (2000): «Colonialidad del poder y clasificación social», *Journal of world-systems research*, VI, 2, summer/fall, pp. 342-386.
- Veronelli, G. A. (2019). La colonialidad del lenguaje y el monolingüajear como práctica lingüística de racialización. *Polifonia*, 26(44), 146-159.